

UMA INTRODUÇÃO À VIDA DE  
**CHURCHILL**



John Keegan

Tradução de Jorge Palinhos

**LISBOA:**  
TINTA-DA-CHINA  
MMVII

## ÍNDICE

CAPÍTULO PRIMEIRO  
*Churchill e a história* 9

CAPÍTULO SEGUNDO  
*A família e a juventude* 25

CAPÍTULO TERCEIRO  
*O exército (1894-1900)* 41

CAPÍTULO QUARTO  
*O Parlamento (1900-1910)* 61

CAPÍTULO QUINTO  
*No centro dos acontecimentos (1910-1915)* 79

CAPÍTULO SEXTO  
*Guerra e paz (1915-1932)* 97

CAPÍTULO SÉTIMO  
*A chegada da guerra (1933-1940)* 117

CAPÍTULO OITAVO  
*Um primeiro-ministro só (1940-1941)* 137

CAPÍTULO NONO  
*Os três grandes (1941-1945)* 159

CAPÍTULO DÉCIMO  
*Apoteose* 179

BIBLIOGRAFIA 201  
ÍNDICE ONOMÁSTICO 205

© 2007, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A  
1500-627 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

© 2002, John Keegan  
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de  
reprodução, no todo ou em parte, sob qualquer forma.  
Esta edição foi publicada por acordo com a Viking,  
um membro da Penquin Group (USA) Inc.

Título original: *Winston Churchill*  
Autor: John Keegan  
Tradução: Jorge Palinhos  
Revisão: Paulo Salgado Moreira  
Capa e composição: Vera Tavares

1.ª edição: Junho de 2007  
ISBN 978-972-8955-31-1  
Depósito Legal n.º 260048/07

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### *Churchill e a história*

CHURCHILL, para quem era jovem no tempo da Segunda Guerra Mundial, poderá parecer uma figura de importância exagerada. Os jovens anseiam por heróis, e para quem, como eu, era um menino de idade escolar na altura em que a Grã-Bretanha estava isolada pelo poder nazi, o primeiro-ministro parecia tudo menos heróico. Heróis eram os que, ágeis e elegantes, se passeavam risonhos pelas ruas, em fardas caqui ou azuis da força aérea e da marinha, prontos a partir ou recentemente regressados da batalha. Já Churchill, com o seu *siren suit*\* disforme, a sua cartola engraçada e o inconfundível charuto encravado entre os dedos moles, tinha um ar muito pouco heróico. Para tal também contribuía a lisonja dos adultos: «O Winston, o bom velho Winston!», quando um jovem aluno da Grã-Bretanha sitiada não queria um «velho Winston», mas um Winston jovem e impetuoso, como os pilotos que partiam dos aeródromos locais, os comandos que faziam corridas de treino pelas ruas da aldeia, os capitães dos torpedeiros que partiam dos portos para lutar nas águas do Canal da Mancha. O rechonchudo Winston, com os seus papos e a sua voz arrastada, fazia triste figura ao lado de tais exemplos.

O Winston do pós-guerra era ainda pior. Houve ressentimento na sua reacção à vontade do povo de lhe retirar o cargo, em 1945,

\* O *siren suit* era um fato-macaco especial de lã azul, com um fecho de correr frontal e um cinto, que Churchill ajudou a popularizar durante a Segunda Guerra Mundial e cujo propósito era poder ser vestido rapidamente e manter o seu utilizador quente em caso de bombardeamentos alemães (n. do t.).

e uma espécie de aura de mau perdedor. Quaisquer que fossem as tendências políticas de um jovem, ou dos seus pais, era impossível não se ficar entusiasmado com a revolução social que o novo governo trabalhista prometia. Churchill, o político da oposição, denegria como podia o socialismo que aquele proclamava, mas os jovens tomavam as promessas dos trabalhistas pelo seu valor aparente: um serviço de saúde gratuito para todos parecia uma excelente ideia, tal como bolsas de estudo para os alunos mais inteligentes e empenhados, melhores pensões para os velhos e pobres, casas decentes para os sem-abrigo e empregos estáveis para as vítimas da crise que antecederia a guerra. O Partido Trabalhista dizia que queria uma Grã-Bretanha melhor, e os jovens acreditavam. Os avisos de Churchill de que uma Grã-Bretanha socialista seria pior recolhiam apenas descrença, pelo menos entre a geração do futuro.

Eu pertencia a esta geração e permaneci imune à lenda de Churchill durante todo o meu percurso escolar e universitário. Churchill regressou ao governo em 1951 e, apesar de diversos problemas de saúde — alguns bastante graves —, manteve-se como primeiro-ministro até 1955, numa extraordinária demonstração de resistência e vitalidade. Sucedeu-lhe o seu herdeiro político, Anthony Eden, que nomeou como colaboradores muitos dos jovens que tinham começado a sua carreira política no primeiro governo de Churchill, durante a guerra. Apesar dessa renovação, a continuação das políticas de Churchill por Eden não conseguiu seduzir o novo eleitorado. O governo de Eden parecia excessivamente conservador e antiquado e era visto como tradicionalmente imperialista no estrangeiro e egoisticamente capitalista dentro do país. «Suez», como os ingleses ainda chamam à tentativa militar de 1956 de retomar o controlo do Canal do Suez e do estado do Egipto, pareceu o canto do cisne da política de Churchill. A crise

do Suez dividiu o país: para a velha ordem, o ataque militar pode ter parecido uma correcta reafirmação do poder imperial que a Grã-Bretanha tinha o direito de exercer por razões históricas; para os jovens, uma tentativa grosseira de recuperar uma autoridade imperial já ultrapassada. De uma forma ou de outra, o fiasco do Suez foi o ponto final de uma epopeia ultramarina que Churchill tentara preservar ao longo de toda a sua vida. Foi o *finis* de tudo o que Churchill defendeu.

Era nisto que eu acreditava no final do meu curso universitário, quando, durante um quentíssimo Verão de 1957, em Nova Iorque, um episódio fortuito me obrigou a reavaliar o estadista sob o qual crescera. Tinha começado uma viagem pelos Estados Unidos graças ao financiamento de um filantropo americano, antigo aluno da minha faculdade de Oxford, e agora esperava que se juntasse a mim outro beneficiário da mesma bolsa. As minhas anteriores viagens, a França, tinham sido sempre acompanhadas por professores e familiares, pelo que era a primeira vez que viajava sozinho num país estrangeiro. O apartamento que me haviam emprestado dava para a Union Square, na altura o centro de uma zona comercial decadente. Os donos do apartamento tinham ido viajar e eu não conhecia ninguém na cidade, pelo que, durante alguns dias, de uma forma pós-adolescente, estava só, deprimido e desorientado. A América era um país assustador, materialmente mais moderno e elegante e espiritualmente mais enérgico e confiante do que uma Grã-Bretanha conservadora e destruída pela guerra. A Grã-Bretanha que eu deixara há algumas semanas estava inegavelmente em decadência e a América a que chegara prosperava e desenvolvia-se em riqueza e poder. Para mais, os meus anfitriões

em retrospectiva, é claro que Churchill era o mais radical dos dois reformadores sociais e que, se os acasos da política não tivessem conduzido a sua carreira para longe das áreas sociais, talvez ele tivesse empurrado o partido ainda mais na direção daquele que foi o mais importante movimento nacional britânico do século xx, a assistência social para todos.



## CAPÍTULO QUINTO

*No centro dos acontecimentos, 1910-1915*

A MUDANÇA de rumo da vida política de Churchill começara ainda antes da crise constitucional de 1910. Em Fevereiro, logo após a primeira das duas eleições gerais desse ano, foi nomeado ministro do Interior, responsável pela polícia, pelas prisões e pela ordem pública. A necessidade de conter as revoltas dos operários, alimentadas pela recessão de 1909, obrigou Churchill a enviar a polícia contra os operários grevistas, e nomeadamente os mineiros galeses, em várias ocasiões. Em dada altura, durante os distúrbios de Tonypany, foi mesmo obrigado a colocar o exército em estado de emergência, acção que o movimento trabalhista nunca lhe perdoaria — «Lembrem-se de Tonypany!» foi um grito que o perseguiu durante anos, depois de voltar para o Partido Conservador, em 1925, e, injustamente, levou a que fosse recordado como o ministro do Interior que mandara atacar os trabalhadores, em vez do presidente do Board of Trade que procurara ajudá-los.

Curiosamente, o episódio mais memorável da sua passagem pelo Ministério do Interior foi um caso bizarro, envolvendo anarquistas, algo muito invulgar na pacata Inglaterra eduardiana. A 2 de Janeiro de 1911, dois anarquistas russos, liderados por um homem conhecido como Peter, o Pintor, mataram três polícias que tentaram prendê-los no decurso de um assalto. No dia seguinte, o seu refúgio em Sydney Street, na zona do East End\* de Londres,

\* East End é uma zona de Londres bastante conhecida, que, desde a época medieval, era ocupada pelas docas e pelas indústrias mais poluentes, e habitada pelas camadas mais

foi localizado. Aí, mataram mais um polícia. O agente da polícia que comandava as operações pediu mandou chamar vinte homens da Scots Guard, postados na vigilância da Torre de Londres, ao fundo da rua, que acorreram armados de espingardas. Depois pediu-se também uma metralhadora e um pelotão da Royal Horse Artillery. Churchill chegou rapidamente ao local. Mais tarde, relataria a Asquith: «Era uma cena espantosa para uma rua de Londres: disparavam de todas as janelas, as balas arrancavam bocadinhos de tijolo às paredes, os polícias e os guardas escoceses empunhavam espingardas carregadas.» Um fotógrafo capturou o momento para a posteridade: Churchill, de cartola e cachecol de astracá; os guardas escoceses, com sobretudos cinzentos e cintos de cabedal branco; um miúdo da rua, sentado numa viga por cima deles, a rir-se. A foto é uma amostra perfeita da época, com os candeeiros a gás, as fachadas degradadas das lojas e as ruas calcetadas. O que a fotografia não mostra, pois a expressão de Churchill não é visível, é que este estava no seu elemento: o odor da pólvora, o cheiro do perigo recordaram-lhe, decerto, a sua juventude. Ao contrário do que se disse mais tarde, não assumiu o comando da operação, mas era bem provável que o fizesse, tivesse o cerco demorado demasiado tempo. O que aconteceu foi que a casa começou a arder, o tiroteio terminou e, quando o incêndio se extinguiu, foram encontrados os cadáveres dos dois anarquistas no interior. De Peter, o Pintor, não havia rasto. Um epílogo ideal, à Joseph Conrad, para o cerco de Sydney Street. Viria a ser de descrição obrigatória em todas as biografias de Churchill.

miseráveis da cidade, pelos imigrantes e pelos criminosos. No final do século XIX tornou-se também o centro de considerável actividade artística, mas também sindical, sufragista e revolucionária, tendo-se, inclusive, aí realizado a reunião de Lenine, Trostsky e Estaline onde começou a ser delineada a Revolução Russa. Ainda hoje é uma das zonas mais pobres da Grã-Bretanha (n. do t.).

Peter, o Pintor, era um modelo do seu tempo, uma manifestação do perigo vindo do interior da nação que todos os governos da época temiam, em especial os impérios de leste, o Império Austro-Húngaro e o Império Russo, com os seus caleidoscópios de etnias insatisfeitas. Estes descontentamentos não eram, em si, uma ameaça a sério para a autoridade dos estados, que tinham poder suficiente para dominar as revoltas e conter o terrorismo que surgissem, mas era um sintoma da instabilidade psicológica das monarquias multinacionais, que desconfiavam dos seus próprios povos e temiam que as minorias divididas por fronteiras nacionais provocassem crises geradoras de uma guerra alargada. Neste clima de insegurança, os estados europeus tinham reforçado continuamente as suas forças militares nos últimos quarenta anos, desde 1870, como precaução contra um perigo imaginário.

Mas a Alemanha fora mais longe. Empenhada em tornar-se o poder militar supremo do instável continente europeu, resolveu também, depois de 1900, tornar-se uma potência marítima capaz de rivalizar com a marinha britânica. Foi um erro. Antes de 1900, a Grã-Bretanha não tinha razões de conflito com o Império Alemão, mas uma vez que este anunciou a intenção de criar uma marinha oceânica, composta por couraçados de primeira classe, o Reino Unido e a sua Royal Navy foram forçados a agir. A Royal Navy, a marinha de guerra inglesa, fora senhora indisputável dos mares desde a batalha de Trafalgar, um século antes. Protegida por estas muralhas ondulantes de madeira e, mais tarde, de aço, a Grã-Bretanha permanecera indiferente a todas as alianças e tratados: «esplêndido isolamento» era o mote da política internacional britânica desde muito antes do nascimento de Churchill e bem até à sua maturidade. A supremacia naval garantia que a Grã-Bretanha não precisava de entrar em guerras que não lhe in-

CAPÍTULO OITAVO  
*Um primeiro-ministro só, 1940-1941*

**H**OJE em dia, muitos pensam que Churchill se tornou primeiro-ministro devido ao sucesso da *blitzkrieg* alemã, que gerou a catástrofe estratégica que ele tinha antecipado nos anos de apaziguamento. É, por isso, irónico verificar, em retrospectiva, que os apologistas do apaziguamento foram derrubados devido à sua inépcia em lidar com o episódio comparativamente menor da Noruega, deixando Churchill, nos primeiros dias do seu mandato, a arcar com a catástrofe que há tanto tempo procurava evitar. Pois Churchill tornou-se um primeiro-ministro de guerra — com sessenta e cinco anos de idade — no culminar da crise, sem lhe ser permitido um momento para planear as políticas ou aprender as rotinas da sua função.

Até certo ponto, todos os primeiros-ministros criam as suas próprias rotinas, e Churchill não foi excepção. Infelizmente para os que lhe estavam mais próximos, as rotinas que escolheu eram as mesmas que seguia quando vivia como escritor, em Chartwell, na década de trinta. Começavam muito cedo e prolongavam-se até de madrugada. Acordava às oito, depois de dormir seis horas, tomava, na cama, um pequeno-almoço abundante, composto de perdiz, faisão ou bife, lia os jornais e analisava os relatórios oficiais (que incluíam mensagens em código interceptadas por Bletchley Park, o centro de cifra de Buckinghamshire, material a que chamava «Boniface»). Depois, ditava as suas cartas e ordens às suas secretárias, uma das quais escrevia as suas palavras directamente numa

máquina de escrever silenciosa Remington. A intervalos regulares, Winston pedia para ver o texto e corrigia-o agressivamente.

Só ao final da manhã é que Churchill se levantava, tomava banho e se vestia, frequentemente envergando o seu *siren suit*, pois, apesar de gostar de roupas de bom corte, preferia vestuário fácil de vestir e tirar; em casa era o *siren suit*, com o seu fecho de correr; sapatos sempre com fecho de correr. Durante a guerra costumava almoçar, na única companhia de Clemmie, uma refeição substancial, dormindo a sesta e tomando de novo banho depois do almoço, e só então entrando no trabalho a sério. Churchill assumira também a pasta da Defesa (ministério que então não existia) para poder coordenar os três ministérios independentes de cada ramo das forças armadas. Para desempenhar o seu papel, contava com o apoio do general Hastings Ismay e de um gabinete de cinco civis, entre os quais se distinguiam John Colville e «o professor» Frederick Lindemann, um cientista de Oxford cujos conselhos técnicos seguia sempre, por vezes com resultados pouco satisfatórios. O seu principal método para coordenar a guerra era «a caixa», uma pasta preta para os despachos, de que só Churchill e as suas secretárias tinham a chave. Nesta pasta estavam os papéis necessários para cada dia, ordenados numa sequência rigorosa: o «Topo da Caixa» (para assuntos vitais), os telegramas do Foreign Office, os telegramas de serviço, questões parlamentares (durante a guerra, Churchill ia com frequência à Câmara dos Comuns), «General Ismay» (assuntos do chefe de gabinete) e «R fim-de-semana», os papéis que exigiam reflexão. Era uma regra inalterável que nenhuma ordem de Churchill, com base nas suas leituras dos papéis da caixa, tinha força executiva a menos que fosse escrita e assinada por ele. As decisões urgentes ou os pedidos de conselho tinham carimbada a vermelho a frase *Action this day* (agir hoje).

A tarde era dedicada às reuniões, normalmente com os cinco membros do Gabinete de Guerra, ou com os chefes dos três ramos das forças armadas e o general Ismay, que podiam prolongar-se para além do jantar, se bem que a noite era normalmente reservada para ditar mais cartas e ordens. Se Churchill estivesse fora de Londres, quer na residência de campo oficial do primeiro-ministro, em Chequers, quer em Ditchley Park, perto de Blenheim, onde se refugiava dos bombardeamentos, os seus auxiliares acompanhavam-no sempre. Não é que as bombas assustassem Churchill; ia para Ditchley simplesmente quando queria ter uma noite tranquila. Durante o *Blitz*, os bombardeamentos alemães, foram muitas as noites que Churchill passou, em condições espartanas, numa cave do n.º 10 de Downing Street, hoje um museu conhecido como Cabinet War Rooms (Aposentos do Gabinete de Guerra).

Esta era uma rotina peculiar, e que punha à prova mesmo aqueles que lhe eram mais chegados, já para não falar de como devia ser irritante para os seus colegas políticos. Mas, como desde logo se tornou notória a dedicação de Churchill ao objectivo único de enfrentar a guerra e vencê-la, toda a oposição se dissolveu instantaneamente.

Esta determinação granjeou-lhe apoiantes entre aqueles que Chamberlain deixara indiferentes, como o Partido Trabalhista de Attlee, que Chamberlain deixara fora do governo e que apoiou Churchill em bloco; o mesmo fizeram os liberais que restavam. De facto, foi como um verdadeiro líder nacional que Churchill assumiu o poder. O Gabinete de Guerra era composto por Churchill, mas também pelo líder trabalhista Atlee, por Arthur